

w3 sul

GERDA GUMPRICH E O MARIDO MORAM HÁ 41 ANOS EM UMA CASA NA 714. ELA NÃO TROCA A AVENIDA POR NENHUM ENDEREÇO

ORGULHO DE PIONEIRO

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

As casas foram construídas para os candangos que não tinham condições de comprar as futuras mansões da capital. O trânsito da avenida era tão tranquilo que não existiam semáforos. Os comerciantes precisavam ter paciência para conquistar os clientes. Os moradores não tinham de andar muito para comprar tudo o que queriam. A W3 Sul era o centro do comércio do Distrito Federal na década de 60, e os moradores das quadras 700 viveram tempos áureos na primeira avenida de Brasília. As histórias contadas pelos pioneiros enchem de orgulho os que chegaram primeiro e são de dar inveja aos novos que aqui vieram.

Viver nas primeiras quadras de Brasília não era tarefa fácil. "Como é que se poderia viver num corredor de 5 metros de largura e 20 metros de comprimento?", comenta a alemã Gerda Gumprich, 71 anos, ainda com forte sotaque. Ela é mulher do primeiro funcionário do Banco do Brasil no Distrito Federal, o tesoureiro aposentado Edibert Pereira Leite, 82 anos.

Gerda e o marido chegaram na cidade em 1957. O cenário da cidade três anos antes de sua inauguração era desolador. Quando chovia, o barro vermelho enlameava os barracos de madeira construído na Cidade Livre, que viria a se transformar em Núcleo Bandeirante. Gerda e Edibert viveram por lá durante três anos, depois foram para a 114 Sul, primeira quadra construída pelo Banco do Brasil para abrigar os funcionários



CONSTRUÇÃO DAS CASAS DAS QUADRAS 700 NA W3 SUL: IMÓVEIS VOLTAM A SER VALORIZADOS

Passeios pela avenida

Gerda não agüentou morar em apartamento. Mudou-se para a 714 Sul um ano depois, em 1961. Não sai mais de lá. Na casa que mais parecia um "corredor", ela criou os três filhos e aprendeu a ter amor pela cidade. A avenida W3 é motivo de orgulho. "Quando saio com o carro, faço o possível para passar pela W3, ao contrário de todo mundo", afirmou Gerda. A W3 Sul é uma das pistas mais movimentadas da cidade.

A alemã completará 50 anos no Brasil em de-

zembro. Saiu da Alemanha depois que os pais morreram — o pai faleceu lutando na segunda guerra mundial e a mãe, anos depois, não resistiu a um câncer. Gerda conheceu o marido quando morava com os irmãos no Rio de Janeiro. "Ele tinha uma cama e eu um armário. Foi assim que começamos a viver em Brasília. Na primeira noite, só fazia chorar. Depois arregacei as mangas", conta.

Gerda diz que não chega a ser saudade o sentimento que nutre pela época em que começou a viver na 714 Sul, com poucas casas e pouco comércio. "Foi uma fase gostosa. Só tenho saudade

mesmo é da segurança que tínhamos, diferente do que é hoje. A violência aumentou muito em Brasília", compara.

Dos vizinhos que tinha, poucos restam. No conjunto I, onde fica a sua casa, só vivem três ou quatro famílias da mesma época que ela. Os demais saíram de Brasília ou moram no Lago Sul, Norte e até mesmo nos apartamentos do Plano Piloto. A valorização das quadras 700 é surpresa para Gerda. "Na época, não quis investir aqui. Mas se eu soubesse ficaria rica", brincou. Uma casa de três quartos vale, em média, R\$ 200 mil.